

BARROS, Lúcio Alves de. "Educando para a envelhescência: uma resenha". *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, v. 14, n. 42, p. 163-168, dez de 2015. ISSN: 1676-8965.

RESENHA

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Recebido em: 25.09.2015

Aceito em: 21.10.2015

Educando para a envelhescência: uma resenha

GOLDENBERG, Mirian. *A bela velhice*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2013

O livro de Mirian Goldenberg, *A bela velhice*, é uma leitura obrigatória para os envelhecidos, os que envelhecem e os que nutrem o medo de envelhecer. Na realidade é difícil encontrar pessoas que não sentem certa ansiedade e insegurança quando nas portas da juventude adulta batem os mais de 50 ou 60 anos. Cabelos grisalhos e escassos, pele seca, perda de memória são fenômenos que atacam o corpo humano que inicia o processo de envelhecimento.

De acordo com Mirian Goldenberg, a sociedade hodierna tende a ressaltar o lado negativo dos velhos e das velhas, deixando a desejar a caracterização do lado bom e inexorável do envelhecimento. Sua obra caminha em sentido não apocalíptico. Envelhecer não é para qualquer um. Na verdade é para todos e a autora revela com acuidade tais condições.

A antropóloga carioca inicia sua obra comentando sobre a repercussão que teve sua crônica no jornal *Folha de São Paulo* sobre "a bela velhice". No texto, descreve personagens que souberam lidar com o processo de envelhecimento, tais como Caetano Veloso, Chico Buarque e Marieta Severo, ao ponto

dessas celebridades serem chamadas de "ageless", ou "sem idade" (GOLDENBERG, 2013, p. 11). Sua crônica no jornal atingiu muitas pessoas e a autora recebeu vários elogios e desabafos, pois boa parte das mulheres e dos homens que leram simplesmente não aceitou o rótulo destinado aos velhos. Pelo contrário, longe da rotulação social as pessoas se sentem muito mais livres, belas e maduras do que outrora.

O livro, para o leitor ainda desavisado, pode ser considerado de divulgação de toda uma pesquisa que a autora vem levando a efeito desde 2007. Em sua pesquisa, "Corpo, envelhecimento e felicidade", ela entrevistou 1.700 atores (mulheres e homens) e organizou 15 grupos de discussão na cidade do Rio de Janeiro. Com as entrevistas Mirian Goldenberg nos presenteia com muito humor e perspicácia a representação de homens e mulheres acerca do processo de envelhecimento, inclusive, quando defende a criação de um grupo denominado de "Coroas", sendo ela a única participante. Assim:

Como presidente, secretária, tesoureira e única militante do Movimento das Coroas Poderosas (já que todas as amigas que chamei para participar do grupo se sentiram ofendidas), convoco todas as mulheres, de qualquer idade, que estão cansadas de sofrer com as pressões sociais, com a decadência do corpo e com a falta de homem (ou com as faltas dos seus

homens) a se unirem ao nosso grito de guerra: “Coroas Poderosas unidas jamais serão vencidas”! “F****-se as rugas, as celulites e os quilos a mais!” (GOLDENBERG, 2013, p. 24).

É impossível inventar uma bela velhice com os alicerces e o clamor da autora. Ela argumenta com base em vários depoimentos que o caminho certo para uma boa envelhescência é o fato de homens e mulheres já maduros saberem encontrar um “significado”. Em outras palavras, um “sentido para a vida” na visão de Viktor Frankl (2008) ou na busca da liberdade na esteira de Simone de Beauvoir em sua obra já conhecida, “A velhice” (1990). Um projeto e um significado para a vida são primordiais tanto para homens como para as mulheres que almejam pelo menos um pouco de felicidade e equilíbrio nas relações. Para as mulheres, as condições são mais preocupantes. Não ao acaso, vira e mexe, elas reclamam dos homens ou da falta deles e parecem sofrer muito mais com a velhice. Elas denunciam a “corpolatria” e a capacidade dos homens de trocar as mulheres mais velhas pelas mais novas. De todo modo, não deixa de criticar os mesmos homens que, ao envelhecerem, apesar de ficarem mais bonitos e charmosos tornam-se profundamente dependentes.

As diferenças são claras em relação ao corpo: se existem homens que ficam carecas e barrigudos, também se observam aqueles que ficam charmosos e vaidosos. Mas, nos dois casos, a despeito do paradoxo feminino, a sociedade não é tão sádica e perversa. Com as mulheres ela é fascista e impõe modelos e formas de ser. As mulheres - em algum momento após os anos de 1980 - tiveram que se transformar em seres “poderosos”, “protetores” e “perfeitos” de corpo e alma. O corpo tornou-se um poderoso capital que, no caso do gênero feminino, visivelmente vai perdendo valor com a velhice.

Não por acaso Mirian Goldenberg denuncia a invisibilidade das mulheres acima dos 50 anos, a falta de homens e a aposentadoria sexual. Mais que isso, muitas se mutilam e cortam os cabelos longos, não utilizam mais o biquíni e abandonam roupas mais ousadas como a minissaia. Tudo para evitar o ridículo imposto por uma sociedade excludente. Sobre a temática, a autora assevera que:

Algumas mulheres se excluem do mercado afetivo e sexual em função de se sentirem inadequadas por não corresponderem ao modelo de corpo jovem. É interessante notar que são elas próprias (e não os homens) que se excluem do mercado, especialmente do mercado sexual (GOLDENBERG, 2013, p. 43).

O envelhecimento, contudo, sai da invisibilidade no momento em que o Brasil é um país que envelhece rapidamente. Além disso, não são poucas as formas que os seres humanos utilizam para modificar o corpo. Plásticas, botox, exercícios físicos em demasia e silicoes passaram a fazer parte de uma “indústria corporal” que elevou o corpo a um verdadeiro totem em movimento. A invisibilidade corporal ao longo do tempo vem recebendo novas roupagens. De acordo com a antropóloga:

Tenho encontrado muitas mulheres de mais de 60 anos que não aceitam a invisibilidade e exibem seus corpos sem medo de olhar dos outros, sem vergonha das imperfeições e sem procurar a aprovação masculina. Para elas, a maior riqueza de suas vidas é a liberdade que conquistaram. Elas afirmam que foi uma verdadeira libertação conseguir tirar o foco do olhar e da opinião dos outros e passar a priorizar o tempo para o próprio prazer, para seus desejos e vontades (GOLDENBERG, 2013, p. 46).

A liberdade é um sentimento que damos valor quando o perdemos ou o conquistamos de vez. Este parece ser o

caso das entrevistadas de Mirian Goldenberg. A liberdade de ser o que se é em plena velhice não vem dissociada da configuração de “felicidades”. Mas não pensemos que esta vem sem força e luta. É necessário enfrentar a sociedade e seus tentáculos desarticuladores de subjetividades. A liberdade e a felicidade são elementos que envolvem escolhas. Escolhas estas que podem ser possíveis somente após os 60 anos, idade em que homens e mulheres passam a descobrir a vida longe das demandas familiares. A mensagem da “bela velhice”, beirando os manuais de autoajuda, é a de que para alcançar o perfil destas relações é necessário que cada indivíduo seja o único ator e responsável pela construção de sua vida ou do restante dela.

Difícil se desvencilhar da família em uma sociedade patrimonial e patriarcal. O valor dado a ela enterrou boa parte das mulheres em casa. Obrigou a mulher a se submeter aos desejos masculinos e deve ser cruel a vida das mulheres que nos dias de hoje optaram por não terem filhos. De todo modo, a autora aponta que tanto os homens como as mulheres tem medo da envelhescência e não poucas vezes sentem-se culpados quando são ameaçados por violências múltiplas provenientes dos próprios entes que diziam amar. Medrosos e vulneráveis na sociedade excludente, homens e mulheres envelhecidas partem para o conhecimento de outras pessoas. As novas relações aparecem nas narrativas recolhidas pela autora como “novas amizades” e as amigas e os amigos não são somente companheiros de viagens, mas verdadeiros “cúmplices” da nova ou velha narrativa de vida. Fazem parte de uma “família escolhida” e talvez com laços de reconhecimento muito mais fortes do que os laços construídos com os filhos ou netos.

À importância da amizade e dos amigos a autora agrega algumas recomendações que apareceram em vários depoimentos. Uma primeira recomen-

dação é a obrigatória necessidade de “viver o presente”. Tanto os homens como as mulheres afirmaram para a antropóloga que no percurso da vida não tiveram tanto tempo. Descreveram uma temporalidade que “não volta” e que foi utilizada no cuidado dos filhos ou na vida profissional. Viver o presente, entretanto, parece mais interessante para os homens do que para as mulheres. Os homens aproveitam para relaxar, dar continuidade aos sonhos, paixões e alegrias. O sexo masculino parece sofrer menos, pois em uma sociedade machista é óbvio esperar que eles conquistem - ou tenham os recursos necessários - a liberdade. O mesmo não se pode falar do sexo feminino. As mulheres reclamam da falta de autonomia, da atenção doada à família e estão resignadas devido a descoberta tardia da liberdade. E detalhe: de acordo com a autora, elas, quando a descobrem vivem uma verdadeira revolução e “o presente se torna muito melhor do que o passado, pois elas se sentem livres pela primeira vez na vida” (GOLDENBERG, 2013, p. 74).

Em uma segunda recomendação a autora identifica o que os psicanalistas não cansam de falar, a arte – e digo necessidade – de “dizer não”. É bem verdade que dizer o não também é difícil para o adolescente e para o adulto ainda jovem. A questão parece tomar outra proporção no caso dos velhos, notadamente das velhas, porque são óbvias as razões da legitimidade que um corpo envelhecido e maduro carrega. De acordo com as entrevistadas da autora, somente na envelhescência foi possível a descoberta do “não” e da necessidade de elas não serem tão críticas com elas mesmas. Também foi na envelhescência que descobriram que é importante “não se levar tão a sério” ou a não se comparar com as mulheres mais jovens. Sem dúvida, tais sentimentos fazem parte de um aprendizado em torno da coragem e das possibilidades. “A arte de dizer

não” faz parte dos textos que a professora publicou no jornal *Folha de São Paulo* e, nele, novamente ela retrata a questão de “ser livre” e termina com uma instigante indagação:

O não é a palavra que representa a recusa em assumir os papéis impostos pela sociedade. Muitas mulheres disseram que só conseguiram ser mais felizes e livres depois que envelheceram. Será que é necessário esperar tanto tempo para aprender a dizer não? (GOLDENBERG, 2013, p. 80).

A terceira recomendação de antropóloga é a de “repeitar as vontades”. Neste caso a autora percebeu que os homens dão muito valor ao trabalho como significado. Também valorizam a família, o valor do afeto por parte da esposa, filhos e netos. As mulheres que leram os artigos da professora ressaltaram a liberdade, o importante cuidado de si e o valor dos amigos. Segundo a autora, elas falam menos da família e reclamam que cuidaram pouco delas mesmas. A mulher é tomada por sentimentos de frustração e obrigação enquanto os homens são aliviados pela tranquilidade e segurança familiar. Todavia, neste quesito não apareceu um tronco comum que aproximasse as mulheres aos homens. Elas, aparentemente se esforçam mais para satisfazer as vontades, enquanto os homens, além de satisfazê-las esperam que muitos as satisfaçam por eles.

Portanto, ser livre parece ser uma questão tipicamente feminina, especialmente para as mulheres mais velhas, que sempre se sentiram obrigadas a cumprir o papel de esposa e de mãe e precisaram abrir mão de outras possibilidades (GOLDENBERG, 2013, p. 84).

No caminho das recomendações Miriam Goldenberg ressaltava o “vencer o medo”. Proposta difícil, mas não impossível. E está aí uma recomendação que não é nova: Guimarães Rosa já comen-

tava da vida que esquenta e esfria e que cobra de cada um coragem. Vencer o medo é ter coragem e talvez por isso as mulheres tenham mais medo de envelhecer do que os homens. A justificativa é clara e repetitiva, em território machista e patriarcal a mulher ainda paga a duras penas a perda do capital corporal de outrora. Os medos são praticamente os mesmos como doenças, falta de dinheiro, perda da memória, solidão e abandono. Em sua pesquisa a autora assevera que em todas as faixas etárias tanto os homens como as mulheres disseram que “ficam mais interessantes quando mais velhos”. Todavia, as mulheres com mais de 60 anos foram contrárias a essa ideia e apontaram para a barriga saliente, a careca reluzente e a dependência maior de sociabilidades domésticas. Talvez seja este o motivo da importância da liberdade que ressalta as mulheres. Não ao acaso elas apontam para o cuidado maior que tiveram com o corpo e com a saúde (a constante luta contra a obesidade, o aparecimento das rugas, dos cabelos brancos, a secura da pele etc). As mulheres, de acordo com a antropóloga, procuram mais os médicos que, em relação aos homens são evitados ao longo da vida. A conclusão é curiosa: a mulher jovem acredita que o homem envelhece melhor; a mulher mais velha já acha que o homem envelhece pior. Talvez isso explique casais e famílias nucleares em que a mulher é bem mais jovem do que o homem. Explica também, aos olhos da autora, o porquê das mulheres viverem mais. De qualquer forma, as mulheres mais velhas é que percebem e sofrem com a invisibilidade social chegando ao ponto de “se sentirem invisíveis socialmente, não serem mais consideradas desejáveis, serem ignoradas e praticamente transparentes ao olhar masculino” (GOLDENBERG, 2013, p. 91). Por outro lado, a autora percebe nesta conjuntura um “resultado inesperado”: já velhas as mulheres se veem livres da

ditadura da aparência e, paradoxalmente, é nesta liberdade que encontram espaço para novamente serem objetos de observação, elogios e admiração. Além disso, é nesta fase que buscam o próprio desejo, passam a cuidar de si mesma e a se reconhecerem em frente ao espelho.

À recomendação anterior segue a ideia de “aceitar a idade”. Problema complexo que atingem homens e mulheres. Aceitar a idade exige esforço, coragem, a consciência das condições objetivas da vida e o obrigatório aceite dos limites impostos ao corpo pela natureza. As mulheres novamente sofrem mais neste sentido. No mercado elas aparecem “esticadas”, “deformadas” e “artificiais”. Já não utilizam as mesmas roupas e se políciam ante a possibilidade de serem ridicularizadas em certas ocasiões. A cantora Elza Soares e a atriz Vera Fischer são lembradas exemplos de “mau envelhecimento”. Quanto aos homens, os olhos sociais não são tão cruéis. De acordo com a antropóloga, eles não mudam o modo de vestir e não deixam de se contentar com o amadurecimento e os limites corporais. Oscar Niemayer e Silvio Santos aparecem como personagens que envelheceram bem. A justificativa, óbvia no caso, se dá devido ao reconhecimento social, ao dinheiro, à energia, o poder, ao sucesso e a lucidez demonstrados por ambos. Também pudera, mais uma vez é apontado que, em uma cultura como a brasileira o envelhecimento, como tantas outras metamorfoses sociais, são mais cruéis com as mulheres. A questão não pode ser resumida na queda do capital corporal. O gênero feminino ainda paga um alto preço por ser considerado inferior, incapaz e extremamente frágil. As relações de trabalho, tanto no setor privado como no público revelam a inferioridade feminina nos salários e nos cargos. Também se observam tais condições na religião, na política e na família.

O apelo da autora nesse aspecto é providencial:

Para muitas mulheres, que sabem valorizar outros capitais, o envelhecimento pode ser vivido como um momento de inúmeros ganhos, realizações, conquistas, descobertas, amadurecimento, cuidado, e especialmente de maior aceitação das mudanças na diferentes fases da vida (GOLDENBERG, 2013, p. 103).

Não deve ser e não é fácil aceitar a idade. A autora aposta no amadurecimento e em novas descobertas que podem dar um sentido à vida. Um bom motivo para aceitar a idade é perceber o significado de cada fase em nossa trajetória tão efêmera aqui na terra, de que não compensa perder a própria história e de que talvez a vida nem mereça tanta preocupação. Como dito, a autora não é apocalíptica, mas viver não é fácil e com limitações tanto os homens como as mulheres passam por momentos constrangedores, ainda mais em um país que não fez os mais singelos deveres de casa. Daí a conclusão do livro apontar para duas recomendações.

A primeira é a necessidade de “rir das condições que são impostas”. O argumento faz sentido porque o conflito aberto só atrapalharia a saúde e o equilíbrio emocional. Rir como um remédio é interessante, principalmente para as mulheres, dado que os homens, segundo a pesquisa da autora, riem muito mais. Mas “por que as mulheres são mais sisudas?” A resposta à pergunta da autora já devia ser esperada: “rir demais pode ser malvisto pela sociedade. Elas temem não parecer sérias, responsáveis e competentes. Querem passar uma imagem pessoal e profissional de equilíbrio, confiança e maturidade” (GOLDENBERG, 2013, p. 106).

Como se vê, o voyeurismo social não perdoa as risadas femininas. Todavia, as mulheres mais velhas não se preocupam tanto com isso. A condição objetiva de vida destas mulheres já pa-

rece ser o bastante para que elas já não precisem dar satisfações à consciência coletiva. Pelo contrário, pela idade e pelo capital social acumulado merecem respeito e mansidão. Quanto aos homens, soltar as risadas não lhes tira o respeito, um pouco de seriedade já é o bastante para não cair na boca fascista e sádica do corpo social. Neste caso, as mulheres ainda aparecem como o “saco de pancadas” preferido apesar de a risada aparecer como o melhor remédio para o envelhecimento. Silenciadas, as mulheres aparecem divididas nas relações que tecem na sociedade. De um alado, o próprio depoimento da autora nos revela que as mulheres que conseguiram sucesso ou que são repetidas por sua trajetória profissional tem a licença da risada e de outros mecanismos de sociabilidade que facilitam sua navegação social. Miriam Goldenberg seria um bom exemplo de uma pessoa que envelheceu bem, mas longe dela estão milhares que ainda nem abriram a boca para falar, rir, beijar ou...

O segundo ponto da conclusão da autora retoma o início do livro e aponta para a construção da “bela velhice”. Em tom autobiográfico ela revela sua crise existencial. Relata sua indignação ao ir ao dermatologista que desejava lhe rejuvenescer uns dez anos e deixa claro o fato de não aceitar a proposta, dado que é uma crítica feroz da “ditadura da juventude”. Retoma o trabalho que fez no intuito de criação do grupo “Coroas”, analisa a sua derrota devido ao fato de não conseguir componentes e ressalta que ainda não utilizou nenhum mecanismo disponível no mercado para esticar ou deformar o rosto.

Finalmente, destaca o seu amadurecimento asseverando que se sente mais livre para buscar desejos, colocar em prática alguns de seus achados e se organizar no sentido de sempre significar ou resignificar sua existência. Para isso, afirma não poupar oportunidade para rir de si mesma. Na busca da felicidade aprendeu a dizer não, busca cultivar amizades, respeitar suas vontades e levar adiante o que lhe faz bem. Neste caso nos revela suas musas inspiradoras, a atriz Leila Diniz, protagonista de uma de suas obras (GOLDENBERG, 1995) e a escritora Simone de Beauvoir. Resolvida sua crise existencial a autora hoje divulga sua obra, grita para ser ouvida e defende a importância da escuta dos velhos e das velhas de hoje e de amanhã, bem como do necessário romper do silêncio destes homens e mulheres que, não poucas vezes, tem em sua velhice momentos de tristeza, doença, dor e solidão.

Referências

BARROS, Lúcio A. de. *Viver não é para principiantes*. São Paulo: Ed. Delicatta, 2013.

BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

FRANKL, Viktor. *Em busca de sentido*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2008

GOLDENBERG, Mirian. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

Lúcio Alves de Barros